

Apresentação

O número 12(1) da Revista Polifonia, organizado pela área de Estudos Lingüísticos do Programa de Mestrado em Estudos de Linguagem (MeEL), sediado na Universidade Federal de Mato Grosso, publica oito (08) artigos inéditos, escritos por professores pesquisadores da UNICAMP, UFF, USP e UFMT. Diferentes domínios, diferentes teorias, diferentes objetos, diferentes métodos estão aqui representados, cumprindo, ao lado de outros periódicos da área, o propósito de documentar e pôr em circulação resultados de pesquisas realizadas no campo da lingüística nos âmbitos regional, nacional e internacional. Um ponto há que é compartilhado, se não por todos os artigos, pela maioria deles – o estudo da língua em esferas de atividades sociais, configuradas em gêneros discursivos, mesmo se aquilo que se recorta para estudar é a palavra.

Sírio Possenti, sublinhando o termo “análise” da designação disciplinar Análise de Discurso (AD), reúne argumentos substanciosos para ancorar sua tese de que textos do gênero piada precisam ter seus jogos lingüísticos descritos/explicados e não meramente interpretados. Em apoio a sua tese, relembra as lições de Freud sobre os chistes. Freud mostra concretamente que a paráfrase do sentido pode matar o chiste e que é fundamental desconstruir os mecanismos formais do texto para que a sua leitura ou escuta resulte em graça e riso solto. Possenti relembra também Pêcheux, a quem a primeira exigência metodológica da AD é “a descrição das materialidades discursivas”. E, explicando, ele mesmo, inúmeras piadas, nos faz pensar que o sobrevôo interpretativo, tão habitual em estudos realizados pela AD, não pode prescindir de decolar do chão do texto e desmontar-lhe a maquinaria/maquinação lingüística.

Bethania Mariani retoma as discussões acerca da noção de subjetividade na perspectiva da psicanálise e do materialismo histórico, tal como reterritorializados pela AD. Essa retomada constitui o pano de fundo de uma análise comparativa de colunas de consultório psicanalítico publicadas pela imprensa carioca. A autora, atenta à vocação da mídia como espaço de estabilização de sentidos reafirmadores da ordem sócio-cultural vigente, indaga se tais colunas representariam, de fato, uma falha no ritual jornalístico, uma vez que “ao invés de uma voz impessoal, responsável pelo relato que se

pretende imparcial, objetivo e útil, encontra-se uma voz que, narrando em primeira pessoa, faz o relato de um problema absolutamente pessoal, de modo completamente subjetivo e, muito possivelmente, sem interesse social”. Diante desse aparente paradoxo, abrem-se duas vias de interpretação: a falha pode engendrar rupturas e transformação do ritual jornalístico ou ser absorvida por ele. A segunda via é a que parece dar conta dos sentidos *prêt-a-porter*, postos em circulação pelas colunas, reforçando estereótipos e comportamentos sócio-culturalmente aceitos.

Cecília Collares, Maria Aparecida Moysés e João Wanderley Geraldi, em tom ensaístico, buscam integrar aprendizagens, advindas da prática de inúmeros projetos de Educação Continuada desenvolvidos com profissionais das redes públicas de educação e saúde, com concepções e princípios produzidos no campo teórico das discussões epistemológicas a propósito dos novos paradigmas científicos. O eixo das reflexões é a transformação do fazer individual em um assumir coletivo. Os autores observam que as manifestações individuais dos profissionais com quem interagem nos projetos são “expressões de um ideário hegemônico, alicerçado em um sistema de preconceitos que perpassa as formas de pensamento da vida cotidiana de cada um de nós e, mais relevante, um sistema de preconceitos que passa incólume pelas universidades” em função da visão de ciência/ensino fundada sob o signo da neutralidade, universalidade e reversibilidade, bem como na idéia de construção de futuro como uma repetição do presente. Sugerem à academia uma redefinição radical da relação do sujeito com conhecimento e dos sujeitos entre si, de modo a introduzir, em face da alteridade, a vocação para o movimento. A ruptura com o modo convencional de fazer ciência “reencanta a vida”.

Maria Inês Pagliarini Cox ensaia uma reflexão acerca da questão histórica do silenciamento das línguas indígenas brasileiras pelo viés antropológico, na companhia de Pierre Clastres e sua noção de etnocídio. Abre o texto com um contraponto entre as noções de etnocentrismo e etnocídio, acompanhando o autor na tarefa de estabelecer a fronteira entre elas. O conceito de etnocídio ajuda a autora a olhar a questão por um outro ângulo e a compreender o porquê de, no encontro/confronto entre o português e as línguas indígenas faladas no Brasil, o português ter saído vencedor. E mais, nos faz imaginar/vaticinar o que pode acontecer com as poucas

línguas indígenas que sobrevivem ao abraço predatório do português. O desequilíbrio entre os dois pesos da balança é muito bem sintetizado pelas palavras ditas recentemente por um índio bakairi, citadas textualmente no artigo: “O índio tem que aprender a língua do branco, mas o branco nunca vai se interessar em aprender a língua do índio”.

Simone de Jesus Padilha envereda para a análise de um objeto pouco visado nas pesquisas em Linguística Aplicada: *a canção*. Baseando-se em uma perspectiva bakhtiniana que pretende assumir a canção como *gênero discursivo*, busca considerá-la um enunciado como um *todo*, em sua interface verbo-musical. Para tanto, como bem ensina o caminho metodológico colocado por Bakhtin/Volochinov (1929), parte das origens antropológicas do gênero e, em seguida, analisando as características do gênero, discute os meandros de sua transposição didática para as aulas de língua portuguesa no Ensino Fundamental, em relação à proposição de agrupamentos de gêneros empreendida pelos pesquisadores do Departamento de Didática de Línguas da Universidade de Genebra, Dolz & Schneuwly (1996).

Beatriz Daruj Gil, pressupondo que as unidades lexicais revelam valores ideológicos e retratam o conjunto da experiência humana acumulada, busca descrever os sentidos do léxico da canção - *Pra cinema* - do compositor paraibano Chico César. As lexis fazem referência às formas de entendimento do amor que a letra da canção faz circular, expondo uma voz que não é exclusiva do enunciador, mas que está presente no interdiscurso em que se insere a canção. Isso revela existir uma voz coletiva que representa as idéias de um determinado grupo social a respeito do amor e que no discurso específico se faz representar pelo dizer do enunciador. O enunciador fotografa a viagem do amor idealizado e, na escuta atenta da letra, chama os sujeitos a uma indagação mais realista a respeito do que é o amor.

Cláudia Graziano Paes de Barros reflete sobre os modos de leitura e escrita de jovens na Internet, subsumindo que o seu surgimento posiciona as práticas letradas em um lugar privilegiado na vida de crianças e adolescentes em idade escolar que têm acesso a essa tecnologia em suas casas ou nas *Lan house*. Concebendo a leitura, com Bakhtin, como compreensão ativa e tendo por baliza os conceitos de letramento, letramento digital e hipertexto, a autora ensaia algumas reflexões sobre as práticas de linguagem nos

ambientes digitais e realiza uma pequena análise da escrita de jovens em um *fotolog*. Suas reflexões acerca das práticas letradas no ciberespaço sinalizam a necessidade de mudança no letramento escolar. Essas mudanças envolvem a capacitação de professores para lidar com as profundas transformações sobrevindas às linguagens nos tempos da *world wide web*, sem que prejulgamentos toldem-lhes a visão.

Elis de Almeida Cardoso, num trabalho que combina lingüística e estilística, dedica-se ao estudo de neologismos na poética drummondiana, mais precisamente à criação de palavras compostas. Dentre as palavras compostas, a autora recorta o que classifica como neologismos sintagmáticos, criados pela junção de elementos mórficos já existentes na língua. E, desse grupo, escolhe apenas aqueles formados pela combinação de substantivo+substantivo, marca registrada de Carlos Drummond de Andrade. Mediante análise criteriosa, Cardoso mostra como o poeta sabe extrair o melhor das virtualidades do sistema lingüístico no que diz respeito aos processos de formação de palavras em benefício da intensidade da expressão estética. Os compostos criados para o espaço-tempo singular de uma poesia atingem a perfeita harmonia entre forma e sentido.

Boa leitura!

Maria Inês Pagliarini Cox
Ana Antônia de Assis Peterson